

O CONVITE CÉTICO DE PORCHAT: COMO É POSSÍVEL AO CÉTICO INVESTIGAR E AFIRMAR?

PORCHAT'S SKEPTICAL INVITATION: HOW IS IT POSSIBLE FOR A SKEPTIC TO INVESTIGATE AND AFFIRM?

*Jonathan Alvarenga*¹

Resumo: Por séculos, o ceticismo pirrônico vem sendo atacado por argumentações dogmáticas que propõem fazer dele uma escola que, inevitavelmente, provoca um estado de apraxia, isto é, de inércia, bem como de neutralidade, diante da vida comum e das investigações científicas que, diuturnamente, vêm sendo desenvolvidas. Mas seria o pirronismo culpado de tal acusação? Como pretendemos demonstrar no presente artigo, não. Para demonstrar tal inocência, voltamo-nos sobre alguns dos escritos de Oswaldo Porchat Pereira sobre seu Neopirronismo, dividindo este texto em duas partes. Na primeira, faz-se necessário, seguindo a argumentação do autor, distinguir dois momentos do ceticismo pirrônico: (1) o primeiro negativo e que tem como escopo o alcance da *epokhé* e o embate com o dogmatismo; (2) o segundo positivo e que nos leva a pensar o campo da filosofia prática a partir de uma reflexão acerca da ação e da vida comum. Desse modo, o caminho se abre para que, na segunda parte de nosso texto, possamos então concluir com o autor o porquê de que ainda é necessário, bem como possível, ser cético nos embates filosóficos e científicos contemporâneos, haja vista as contribuições que o ceticismo ainda hoje pode nos fornecer.

Palavras-chave: Ceticismo. Filosofia no Brasil. Ceticismo e contemporaneidade. Neopirronismo. Oswaldo Porchat Pereira.

Abstract: For centuries, Pyrrhonian skepticism has been attacked by dogmatic arguments that propose to make of it a school that inevitably provokes a state of apraxia, that is, of inertia, as well as neutrality, in the face of common life and of scientific investigations that are being developed daily. But is Pyrrhonism guilty of such an accusation? As we intend to demonstrate in this article, no. To demonstrate such innocence, we will turn to some of Oswaldo Porchat Pereira's writings about his Neo Pyrrhonism, dividing this text into two parts. In the first part, following the author's argumentation, it is necessary to distinguish two moments of Pyrrhic skepticism: (1) the first one is negative and has as its scope the reach of *epokhé* and the struggle with dogmatism; (2) the second one is positive and leads us to think the field of practical philosophy from a reflection about action and common life. Thus, the way is open for us, in the second part of our text, to conclude with the author why it is still necessary, as well as possible, to be skeptical in contemporary philosophical and scientific debates, given the contributions that skepticism can still provide us today.

Keywords: Skepticism. Philosophy in Brazil. Skepticism and contemporaneity. Neo pyrrhonism. Oswaldo Porchat Pereira.

¹ Mestrando em Filosofia pela UNICAMP. Bolsista CNPq. E-mail: jonathanalvarenga09@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5344-5690>.

Introdução

Ao olharmos através da história da filosofia, somos capazes de ver severas restrições à forma pirrônica de pensar e de agir. Por vezes, os simpatizantes desta escola são vistos enquanto partidários de uma ideia que em hipótese alguma se aplica à realidade, defendendo o indefensável. Por seu modo de prosseguir que, por meio da equipolência de opiniões, alcança a suspensão de juízo acerca de asserções e teses dogmáticas, são colocados na posição de inertes perante a vida e neutros quanto às mais diversas posições que poderiam tomar diante de determinada situação.

Retomando algumas das origens documentais do pirronismo, vemos Diógenes Laércio, por exemplo, em sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, mais especificamente no capítulo XI do livro IX, nos contar um pouco sobre o que diz ter sido a vida e a doutrina de Pirro de Élis, fundador do pirronismo e um dos filósofos mais respeitados de seu tempo. Segundo o historiador, o filósofo de Élis vivia nunca se desviando de seu caminho perante qualquer obstáculo ou sem tomar qualquer precaução, estando sempre indiferente diante de “todos os perigos que se lhe deparavam, fossem eles carros, precipícios ou cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos” (DL IX – XI, 62). Ainda segundo Laércio, tais atitudes imprudentes ocorriam, pois a vida do filósofo “foi coerente com sua doutrina” (idem).

Mais à frente no tempo, Hume, por exemplo, fez severas críticas aos pirrônicos, acusando sua doutrina de ser impraticável e incompatível com a vida comum. Ao mencionar a tradição cético pirrônica em sua *Investigação sobre o entendimento humano*, nos transmite a ideia de que:

O grande subversor do pirronismo, ou de seus excessivos princípios, é a ação, o trabalho, e as ocupações da vida comum. Esses princípios devem florescer e triunfar nas escolas; onde é, na verdade, difícil, se não impossível, refutá-los. Mas logo quando deixam as sombras, graças à presença dos objetos reais, os quais atuam sobre nossas paixões e sentimentos, são colocados em oposição aos mais poderosos princípios da nossa natureza, vaporizando-se como a fumaça, e deixando o mais determinado dos céuticos em uma condição semelhante à dos outros mortais. (I 12. 2. 21).

Mesmo diante das inúmeras críticas recebidas, porém, o pirronismo ocupou seu lugar na história da filosofia e esteve presente de modo fundamental no pensamento dos mais diversos filósofos existentes, tais como Sexto Empírico, Montaigne, La Mothe Le

Vayer, operacionalizado na dúvida metódica de Descartes, bem como na compreensão da ciência de Dewey. No Brasil, Oswaldo Porchat Pereira foi, possivelmente, seu maior expoente, atualizando a doutrina dos antigos através de seu Neopirronismo e respondendo às questões que normalmente são lançadas aos simpatizantes desta escola.

Vale dizer que, apesar de podermos responder por diversas frentes às críticas de que o pirronismo é uma escola incompatível com a vida comum, com o agir, ou até mesmo com a investigação científica, mantendo uma posição de apraxia ou de neutralidade perante o mundo que está aí - demonstrando, assim, que a compreensão de Hume e Laércio sobre o pirronismo não são mais que caricaturas do que de fato ele é -, optamos aqui por apresentarmos as respostas de Porchat a essas críticas.

Isso se dá por dois motivos. O primeiro deles é que, para nós, Porchat é o que mais incansavelmente se volta a combater a possibilidade de apraxia no pensamento pirrônico, se valendo de diversas páginas e artigos que vão diretamente ao encontro desse tema. Apesar de, como dissemos acima, podermos fornecer respostas por diversas frentes a esse problema, vemos em Porchat um meio mais didático e completo para apresentar ao leitor uma possível resposta para nossas perguntas.

Um segundo motivo que nos leva a fazer essa escolha é o de que, através do pensamento de Porchat, poderemos refletir mais de perto as questões que atualmente nos permeiam, alçando voos mais altos a respeito da atualidade do pirronismo e da necessidade de ainda hoje mantermo-nos observadores da escola pirrônica. Mais do que um estudioso do pirronismo antigo, Porchat foi um de seus adeptos, desenvolvendo teses que em Sexto se apresentavam apenas enquanto esboços não desenvolvidos. Voltar nosso olhar ao filósofo brasileiro é também dar um passo adiante na formulação do que seria o pirronismo nos dias de hoje, diante dos avanços que tivemos em todos os âmbitos da vida humana.

Com esse objetivo em vista, e buscando demonstrar a inverdade ao se dizer que a atitude cética é incompatível com a vida comum e com a investigação filosófica e científica, é que propomos trazer ao leitor o presente artigo. Para isso, em um primeiro momento voltaremos a apresentar um pouco das ideias neopirrônicas de Porchat, direcionando-nos à descrição de suas faces negativas e positivas. Em um segundo momento, apresentaremos o convite que nos é feito pelo filósofo brasileiro, sendo ele o de que ainda precisamos ser céticos, trazendo à luz como o ceticismo poderia posicionar-se diante de algumas das questões que hoje estão presentes.

As duas faces do pirronismo segundo Porchat enquanto seu *modus operandi*

Apesar de buscarmos neste texto apresentar uma leitura conjunta de diversos artigos de Porchat, propomos iniciar nossa análise por meio de seu texto *Ainda é preciso ser cético*, referenciado aqui em sua versão enquanto capítulo do livro *Rumo ao ceticismo*². Porchat identifica em tal escrito duas faces do ceticismo, por meio das quais os pirrônicos norteiam suas investigações e emitem seus juízos. A primeira é dialética e negativa; a outra, positiva, enquanto nos “propõe uma filosofia prática” (PORCHAT, 2007, p. 260). A respeito da primeira, nos diz o autor que o cético nunca se pretendeu cético, mas que pela falta de rigor e espírito crítico das escolas que dogmaticamente proclamavam o encontro da verdade absoluta:

É levado a desconfiar de todo discurso tético, de todo discurso que quer pôr e instaurar o Real. Verdades, Certezas, Fundamentos, Princípios, ele não mais vê como seria possível encontrá-los. Não desiste, por causa disso, da investigação filosófica, o processo de sua investigação permanece ainda aberto. Por isso, chama-se a si mesmo de cético, isto é, de investigador ou pesquisador, no sentido grego do termo. (PORCHAT, 2007, p. 260).

Se por um lado não pode aceitar o dogmatismo que se impõe sobre as correntes de pensamento, por outro, também não pretende refutá-las. O pirrônico não se considera capaz de “demonstrar a falsidade ou falta de sentido das doutrinas filosóficas que investigou”, porém, ainda que assim seja, “não tem porque nem como aceitá-las” (*idem*). Portanto, direciona-se por meio de uma “forte argumentação contrária” a manifestar a “vulnerabilidade radical dos alegados fundamentos e da lógica interna dessas filosofias” (*idem*).

Assim sendo, ele tanto é capaz de exibir a relatividade daquelas proferidas proposições dogmáticas, trazendo-nos à mente que todas são frutos de tão somente “pontos de vista próprios a condições, situações, estados particulares”, bem como de “hábitos, costumes, tradições”, além de ser capaz de “manifestar o caráter antinômico da razão”. Sobre esse último aspecto, ela engendra “discursos contraditórios igualmente persuasivos sobre cada um dos temas sobre que ela se debruça” (PORCHAT, 2007, p.

² Usaremos aqui, na maior parte das vezes, o livro *Rumo ao ceticismo* enquanto material bibliográfico para referenciar os escritos de Porchat. Fazemos isso pois se trata da versão mais atualizada de cada um dos artigos que compõem tal obra. Porém, vale dizer que, em nossa bibliografia, apresentamos cada artigo utilizado de forma separada e indicando a qual conjunto de páginas do livro ele pertence, para caso o leitor queira ter em mãos, de modo fácil, a exata referência do que lemos para escrever esse artigo.

261), o que leva o cético à inevitável suspensão do juízo. Diante dessa última, nota o cético que a razão teórica apenas pode conduzi-lo a um estado de *epokhé*³.

Ele não opta pelo ceticismo, “ele não se faz cético, ele é feito cético por sua investigação” (PORCHAT, 2007, p. 262). Tal investigação dá-se, portanto, em três momentos distintos: (1) o cético parte da verificação de uma discordância de opiniões (*diaphonia*) sobre um mesmo assunto tratado de forma dogmática; (2) constata a existência de uma equipolência (*isosthéneia*) entre as opiniões contrárias; (3) diante da impossibilidade de tomar partido por qualquer uma das opiniões contrárias, por conta da constatação de sua equipolência, o cético alcança o estado de suspensão do juízo (*epokhé*)⁴. Toda essa experiência que nos conduz à *epokhé* seria, então, segundo Porchat:

uma experiência de dessacralização do *lógos*. O filósofo não se reconhece como oráculo divino. Mostrar que não se logra coincidir pelo pensamento com as coisas em si mesmas, descobrir o caráter antinômico da razão teórica é, de fato, humanizar o *lógos*, reconhecê-lo como artefacto nosso, ao mesmo tempo que se adquire uma plena consciência de seu prodigioso potencial argumentativo. O cético revela a natureza eminentemente retórica do discurso filosófico. Abandona-se a pretensão de possuir a perspectiva de Deus sobre o mundo, a perspectiva desde lugar nenhum se torna impensável. (PORCHAT, 2007, p. 262)

Assim sendo, por meio de sua face negativa, o ceticismo, segundo o pensamento de Porchat, dissuade-nos da ideia de sermos Deus, convence-nos de nossa irrelevância e faz com que pensemos o outro não como uma figura que se deve colocar enquanto subalterna ao meu eu, mas o dota de liberdade e razão, na medida em que, tal qual acontece a ele, meu discurso, em um primeiro momento, também está emaranhado de constructos sociais, culturais e estruturais, sem absolutismos que sejam capazes de justificar e de conferir o estatuto de certeza à minha posição sobre a do outro. A partir da vista negativa do pirronismo, partimos de um lugar comum, sem qualquer lógica de submissão que justifique o autoritarismo de qualquer manifestação que pretenda impostar-se.

³ Porchat entende o estado de *epokhé*, segundo seu escrito *Ceticismo e argumentação*, enquanto “tão somente o exercício da não opção: o assentimento se retém, não havendo por que nem como assentir” (PORCHAT, 2007, p. 157). Em *Meu ceticismo* também diz que “Como Sexto nos explica, a *epokhé* é um estado de nosso entendimento (*noûs*, *diánoia*) que não nos permite afirmar nem negar. *Epokhé* é um dos termos mais importantes da linguagem do ceticismo pirrônico e a prática da retenção do juízo é uma das mais poderosas de seu arsenal antidogmático” (PORCHAT, 2016, p. 25-6).

⁴ “O cético, com grande frequência, parte da constatação de uma *diaphonia* (discordância, dissenso) entre teses dogmáticas (defendidas por filósofos ou, mesmo, por pessoas comuns), e constata sua *isosthéneia* e chega à *epokhé*, não tendo como optar por uma delas” (PORCHAT, 2016, p. 26).

* * *

Se o ceticismo manifesta-se por uma face negativa, ele também mostra-se a partir de uma face positiva. Enquanto nos humaniza por meio desse primeiro viés, o pirronismo também volta-se à “prática filosófica centrada na experiência do fenômeno” (PORCHAT, 2007, p. 262). Mas o que significa isso? Porchat nos diz que o cético, apesar de suspender o juízo a respeito da filosofia especulativa, não pode deixar de reconhecer “que temos uma experiência de mundo, que *epokhé* nenhuma vem afetar” (*idem*), uma vez que “o que lhe aparece se lhe dá de modo irrecusável num *páthos*⁵ que ele pode apenas relatar” (PORCHAT, 2007, p. 263). Deste modo, “a fenomenicidade que o cético confessa não ter como recusar é o que se pode chamar de uma experiência de mundo”, isto é, o cético reconhece que lhe aparecem certos eventos que “estão aí”, é o que se chama de “mundo”, e tal experiência é seguida de uma “visão de mundo”, ou seja, de uma descrição não dogmática do que lhe aparece (PORCHAT, 2007, p. 263-4).

Desta forma, segundo o filósofo, “crer nos fenômenos é apenas reconhecer que eles se experienciam” (PORCHAT, 2007, p. 160), sem nada acrescentar de dogmático a isso. Através de sua face positiva, vemos que não há sentido na antiga defesa do ceticismo enquanto uma escola que se apresenta estática e impossibilitada de manifestar-se perante o mundo que está aí, tal qual lhes desenhavam as caricaturas de Hume e Laércio, por exemplo.

Para dizer sobre esse caráter positivo, vale mencionar, o cético não defende um discurso estático ou imutável, isto é, não se volta a um conjunto de termos que possuem uma definição específica e irrevogável, tais quais os dogmáticos se propõem a ter cada um em suas escolas. Sua linguagem pode ser mudada ou adaptada sempre que necessário, de modo a “evitar falácias puramente verbais em que os dogmáticos tentam eventualmente enredá-lo” (PORCHAT, 2007, p. 263). Ora, ele não compreende, tal qual os dogmáticos, que as “palavras sejam significativas por natureza, enquanto palavras”, nada sendo além do que “signos rememorativos, que de novo trazem eventualmente à mente as experiências a que se associaram” (PORCHAT, 2007, p. 162).

⁵ Isto é, uma afecção. Em *Meu ceticismo*, Porchat utiliza-se do exemplo de uma flor para se referir a este aspecto da apreensão fenomênica do cético. Diz ele que: “O fenômeno físico flor produz causalmente em nossa mente uma afecção (*páthos*), fazendo-se representar assim em nós, dando origem a uma *phantasia*, uma representação. É por intermédio de tal representação que temos acesso ao objeto externo, isto é, à flor” (PORCHAT, 2016, p. 30).

Valendo-se desse uso da linguagem, bem como de seu discurso, portanto, o cético defende a vida comum em relação à especulação filosófica, estando inserido em um discurso “pré-filosófico” de compreensão do que está aí. Como bem nos lembra Porchat, Sexto Empírico:

menciona com simpatia e de modo algo gaiato o procedimento das pessoas comuns que, ante o questionamento filosófico da realidade do movimento ou da geração, continuam tranquilamente a caminhar e a fazer filhos. [...] Tematizando o discurso cético, Sexto nos diz que ele, de um lado, é discurso que nos capacita para a *epokhé*; de outro é discurso que nos mostra como parecer viver corretamente, no sentido lato dessa expressão”. (PORCHAT, 2007, p. 265-6).

Assim sendo, por seu viés positivo temos uma conduta que não permanece estática, mas que se propõe à mudança, que não tenta adaptar o mundo à sua teoria, mas adaptar o seu olhar para o mundo diante dos fenômenos que lhe aparecem. Se no plano das abstrações os discursos se equiparam, no plano dos fenômenos aquilo que aparece se impõe. Ao cético não é permitido o imobilismo, mas o reconhecimento e atuação na realidade que se apresenta à sua percepção. O ceticismo, deste modo, “proclama tranquilamente sua própria precariedade e contingência de todo discurso”, evidenciando a “própria precariedade e contingência da razão e de tudo que é humano”, de modo que a própria doutrina cética está “felizmente condenada a continuamente autocorrigir-se”. Ora, uma vez que aquilo que “agora nos aparece talvez não apareça depois, outras coisas virão a aparecer-nos de que agora não podemos sequer suspeitar” (PORCHAT, 2007, p. 267). Em resumo, o ceticismo nos mostra que:

As filosofias dogmáticas, também elas, são coisas de homem, artefatos humanos produzidos, ao que tudo parece indicar, por uma prática teórica alienada. O registro tético do discurso não parece ser mais que o efeito de um sonho desejoso. Eis porque um pirrônico contemporâneo somente pode ver com bons olhos os estudos rigorosos e sérios que, sob um prisma antropológico e socioeconômico, se propõem a fazer-nos conhecer o processo de produção das teorias filosóficas dogmáticas, a manifestar-nos a sua natureza ideológica. (PORCHAT, 2007, p. 267).

Como conclusão dessa parte de nosso artigo, o que temos a dizer é que, pelas suas faces negativa e positiva, o pirronismo tal qual Porchat o entende, não apenas combate diretamente a apraxia, mas também guia nossa investigação para a necessidade de

constantemente atualizar-se, evitando os pontos finais que por diversas vezes os filósofos dogmáticos quiseram impor à prática filosófica.

Por esse ponto de vista, leituras do Neopirronismo como as de Roberto Horácio Sá Pereira, a qual veremos adiante, deixam de fazer sentido. Em seu artigo *Por que é impossível se ser cético nos dias atuais. Uma breve refutação do Neopirronismo*, o comentarista visa defender não apenas que o Neopirronismo não se sustenta por si, mas também que o próprio ceticismo, nos dias de hoje, seria impossível, sendo mais um entrave à ciência e à filosofia, do que uma ferramenta em seu auxílio⁶. Como uma das consequências de se levar o Neopirronismo a sério, por exemplo - e recorrendo a uma citação de Rorty, comparando o ceticismo de Porchat ao Neopragmatismo -, o autor afirma que o Neopirronismo nada mais oferece à filosofia, em sua busca pela verdade, do que o senso comum. Em suas palavras:

não é desinteressante lembrar aqui o que nos diz Rorty ao comentar o behaviorismo epistemológico de Quine e Sellars: “É a suposição de que a filosofia não terá mais a oferecer do que o senso comum (complementado pela biologia, história etc.) sobre conhecimento e verdade” (cf. Rorty, 1980, p.176 – 2007, 2006-2007). (PEREIRA, 2020, p. 100)

Ora, se o Neopirronismo, bem como o ceticismo, não se reduz ao mero observacionismo, mas se utiliza dos instrumentos científicos para ver além do que nossos olhos alcançam - tal qual veremos na próxima seção -, além de todos os pontos que aqui estamos levantando, o que nos levaria a crer que o que restaria à filosofia em sua busca pela verdade seria o senso comum, entendido sob este aspecto negativo de mero achismo, que normalmente lhe colocam? Mais estranha ainda se tornam as afirmações de Pereira que seguem a essa. Diz o autor, como se fosse um demérito ao Neopirronismo, que:

⁶ Vale dizer que a afirmação sobre a impossibilidade de se ser cético nos dias de hoje parece remeter, primordialmente, a um juízo de valor de seu autor, o qual pode ser bem resumido no seguinte parágrafo de seu texto: “Em 2020, afirmo hoje por conta e risco próprio em nome de muitos da nossa comunidade acadêmica que estamos cansados é com o descompromisso e descaso com a verdade com a maior das virtudes epistêmicas. Com o reflorescimento da velha metafísica, buscamos saber sim sobre a natureza última das coisas: Qual seria a natureza última da mente? Qual seria a natureza da causalidade? O que são leis da natureza? Seria a matéria a realidade última do universo?” (PEREIRA, 2020, p. 102). No que diz respeito especificamente ao Neopirronismo, Pereira, a partir da página 103 do referido artigo, elenca uma série de problemas do Neopirronismo e apresenta passos para uma possível refutação (*idem*, p. 103-107). Contudo, aparece-me que, apesar de todas elas necessitarem de um olhar sério e atento, não apresentam problemas ao desenvolvimento do Neopirronismo ou colocam-se enquanto verdadeiras refutações acerca de sua possibilidade, podendo ser até mesmo úteis para o desenvolvimento do próprio Neopirronismo. Não temos pretensão em discuti-las aqui, por conta da extensão que tal discussão tomaria, mas recomendamos ao leitor a leitura atenta não apenas destas páginas, mas de todo artigo de Pereira, buscando sempre refletir sobre os pontos levantados, e sobre a atitude cética que poderia ser tomada diante deles.

Com todas as vênias, por infundáveis que sejam, é da própria natureza da filosofia ingressar e tomar partido nas infundáveis disputas acadêmicas ainda que saibamos que muitas delas são insolúveis. Mas como procede o Neopirronismo? Ele deliberadamente se recusa à própria essência do próprio jogo filosófico! Ele busca pairar sobre as disputas como se nenhuma delas lhe dissesse respeito. (PEREIRA, 2020, p. 102)

Se o Neopirronismo é aquele por meio do qual evitamos andar em círculos e nos preocuparmos com as “infundáveis disputas acadêmicas” que, pasmem, o próprio comentador nos diz que muitas delas são “insolúveis”⁷, então tal teoria conseguiu seu objetivo e nos livrou das armadilhas e do pretense alcance de uma verdade que, conforme aparece-nos, dogmatismo nenhum ainda foi capaz de encontrar.

Nos aparece que, mesmo que se passem os anos, e que o próprio pirronismo se atualize e se apresente, com Porchat, sob uma roupagem contemporânea, o obstáculo descrito pelo filósofo brasileiro no prefácio de *Vida comum e ceticismo*, ainda em 1993, mantém-se o mesmo. Segundo o autor:

O maior obstáculo que o neopirronismo tem de enfrentar é o da incompreensão de sua proposta filosófica. Séculos de incompreensão sobre o pirronismo têm seu peso. Não é fácil dissipar mal-entendidos inumeráveis que se devem à difusão secular e generalizada de uma versão caricata da postura cética. (PORCHAT, 1993, Pref.).

O convite do pirronismo de Porchat

Ao levarmos a seção anterior em conta, temos que o convite que o ceticismo defendido por Porchat nos faz, portanto, é o de pensarmos a partir do lugar em que estamos, bem como das coisas que nos aparecem e sob a forma que nos aparecem. O pirronismo não defende, portanto, uma sensação de neutralidade diante das coisas que nos aparecem. Tão pouco se manifesta em uma atitude de inércia, mas em uma atitude ativa de compreender a vida enquanto um constante devir.

⁷ Pereira não nos apresenta exemplos daquelas poucas disputas acadêmicas que, segundo ele, são solucionadas. Ainda que apresentasse, a pergunta continuaria: a solução deste problema foi alcançada tendo em vista uma realidade externa ao fenômeno, que poderia ser pretensamente proclamada enquanto uma verdade absoluta, ou por causa de uma percepção comum dele próprio, tendendo a sofrer modificações na medida em que essa própria percepção - bem como os artefatos para auxiliá-la - fosse modificada ou revisada? Retomando aqui uma citação de Porchat já feita um pouco mais acima em nosso texto, o que “agora nos aparece talvez não apareça depois, outras coisas virão a aparecer-nos de que agora não podemos sequer suspeitar” (PORCHAT, 2007, p. 267).

O absolutismo, nos diz Porchat, “sempre renasce [...] sob mil formas e roupagens” (PORCHAT, 2007, p. 273), sendo preciso ainda ser cético para precavermo-nos de suas investidas e daqueles que se proclamam detentores absolutos da ciência e da verdade. Em tempos de desinformação, negacionismo e fake news, cabe ao cético duvidar, demonstrando a face negativa de sua filosofia. Cabe a ele atingir o estado de *epokhé* e conformar-se com a necessidade do que lhe aparece.

Ora, se olharmos pela lente cética o que hoje nos aparece, veremos que, diante de todo o desenvolvimento científico, registros, testes e empiria, aparece-nos que a Terra é redonda, que as vacinas funcionam, etc. Para se saber sobre essas coisas, pouco nos é necessária uma compreensão ou definição metafísica de causalidade, de verdade ou de conceitos semelhantes, bastando saber que através de telescópios, satélites, estatísticas, microscópios, etc., tais coisas aparecem e se relacionam tal como se evidenciam em suas análises científicas e documentais.

Por sua vez, o termo aparecer pouco reduz a validade ou constatação empírica e prática dessas crenças, conferindo a elas nada menos que a característica humana que necessariamente devem ter. Retirar tais crenças do seu caráter dogmático é reconhecer que vemos o mundo através da lente de nossa percepção e de nossas capacidades, sem querer que se sustente, através delas, teses dogmáticas que proclamem uma verdade que, até então, não nos aparece estar adquirida.

O neopirrônico, tal como dissemos, se alegra com o desenvolvimento científico e tecnológico, pois a “inteligibilidade do fenômeno se estende para muito além das estreitas fronteiras da mera sensibilidade”, sendo um reducionismo barato limitar o fenômeno ao observacionismo (PORCHAT, 2007, p. 143). Nos lembra o filósofo, também em *Sobre o que aparece*, que:

O pirrônico é [...] um apologista da ciência empírica, enquanto instrumento humano de exploração sistemática da riqueza infinda do mundo dos fenômenos, que os avanços espetaculares do progresso tecnológico ligado à prática científica podem fazer servir ao bem-estar do homem. (*idem*).

Ainda sobre esse fazer empírico, nos diz Porchat que ele respeita plenamente o uso comum dos fenômenos, não havendo qualquer motivo de espanto diante do fato da possibilidade que o cético possui em fazer ciência, buscando avanços para esse fim. Nos lembra o autor que possuímos um “senso retentivo espontâneo das sequências observadas”, de modo que somos capazes de, ao observá-las e analisá-las, por exemplo,

colocar em “prática suas observações cotidianas das conexões entre eventos, as regularidades que ele eventualmente detecta no curso natural das coisas” (PORCHAT, 2007, p. 163). Assim sendo, “as *tékhnai* não são mais que uma sistematização e metodização dos procedimentos da vida comum” (*idem*).

Da mesma forma, diante de um período de constante violência política e religiosa, cabe ao cético humanizar e colocar-se ao lado daqueles que são alvos dos que se auto-proclamam deuses. A neutralidade não é, desse modo, um lugar ao cético, porque, no fim das contas, sempre estará ao lado da ação prudente e daquela conforme os fenômenos, adequando o seu discurso ao mundo que está aí e não o mundo que está aí ao seu discurso.

Novamente, diante das possibilidades de investigações científicas e políticas que se apresentam diante do Neopirronismo, mostra-se contra ele próprio a análise de Pereira ao dizer que:

Os principais artigos Neopirrônicos foram escritos na segunda metade do século passado, quando, segundo Porchat, os filósofos pareciam “cansados com a verdade para além do aparecer”. Hoje, com vinte anos de novo século, filósofos genuínos têm uma preocupação intelectual (e política) em tudo oposta: cansamo-nos do descompromisso e do descaso com a “verdade dos fatos”. Buscamos sim a verdade como concordância entre palavras e o que transcende o aparecer, ainda que o aparecer seja intersubjetivo. (PEREIRA, 2020, p. 89).

Tal qual tantos pensadores e correntes teóricas da contemporaneidade, cabe também ao cético desvelar as estruturas sociais, indicando nelas as construções sociais e históricas que as alicerçam e desmistificando quaisquer resquícios de uma possível verdade absoluta que nelas podem ser consideradas⁸. A investigação cética, se assim podemos dizer, não se tornará ultrapassada em algum momento da história, pois ela está comprometida com o ato de questionar, de investigar e não com o de dogmatizar. E não com a simples atividade do questionamento que a lugar algum nos direciona, como entendiam alguns filósofos modernos, tais quais Hume, mas com a legítima atividade filosófica de decupar, de expor às vistas aquilo que é tomado por pressuposto por se apresentar enquanto uma certeza estruturada por outros que já nos precederam e escreveram seus nomes na história.

⁸ “Porque a *epokhé* cética diz apenas respeito ao uso tético do discurso, somente este o cético questiona e somente a este ele renuncia. Ele subtraiu ao discurso toda referência a um conhecimento, uma verdade, uma realidade absoluta, ele não tem a pretensão de dizer com suas palavras a verdade sobre a realidade das coisas.” (PORCHAT, 2007, p. 164)

Em contrapartida a todo esse esforço prático e teórico, vale dizer que nos oferece o ceticismo sua *ataraxia* e sua terapêutica, nos curando do dogmatismo e trazendo paz a nós mesmos através do reconhecimento da constante frustração daqueles que buscaram ultrapassar os limites da experiência fenomênica. Em *Sobre o que aparece*, nos diz Porchat que:

Essa experiência repetida de suspensão necessária do juízo, essa impossibilidade sempre renovada de qualquer decisão fazem-nos perder pouco a pouco o anseio antigo por uma verdade fugidia. E nos ocorrerá talvez, se a experiência se renova suficiente vezes, deparar, como consequência por assim dizer casual da mesma *epokhé*, aquela tranquilidade que outrora buscáramos na posse da verdade. Isto porque não mais ansiamos pelo que não mais parece caber buscar. (PORCHAT, 2007, p. 119) .

Além dessa possível *ataraxia* ao indivíduo, para o campo científico e social também oferece-nos o pirronismo suas vantagens. Enquanto escola, ele se vê sem problemas diante do pluralismo, propondo o diálogo entre as diversas formas de se ver e entender o mundo, buscando sempre o avanço de suas investigações. Nos diz Porchat que:

Mercê de sua postura cética, a filosofia se pode pensar sob o prisma da comunicação, da conversa, do diálogo, do consenso e... da relatividade. E, assim pensada, ela pode contribuir - e muito - para favorecer o entendimento entre os homens: tendo destruído as suas verdades, ela poderá eventualmente ensiná-los a conviver com as suas diferenças. (PORCHAT, 2007, p. 172).

Ao voltar-se para os pirrônicos antigos, Porchat traz à tona a constante atualidade da atividade cética, bem como levanta sua necessidade para o olhar sobre o mundo. Sua relevância aos estudos filosóficos no Brasil, não se dá apenas enquanto um leitor ou comentador do ceticismo clássico, mas como um atualizador da doutrina cética, levando a cabo conclusões que nos antigos apenas estão expostas enquanto rudimentos. O neopirrônico olha para o mundo e vê um lugar em constante construção, o que nunca deixará de sê-lo enquanto a razão humana continuar a se reinventar, a se redescobrir e a estruturar, por vezes de forma imperativa e dogmática, o mundo que está aí.

Portanto, a intenção e o objetivo do Neopirronismo continuam em plena atividade e mais vivo do que antes. Assim como delineou Porchat em seus escritos, o Neopirronismo continua sendo uma:

doutrina que, consoante embora com a filosofia do aparecer e preservando grande coerência com as 'intuições' do velho pirronismo, se empenha em repensá-lo, atualizá-lo e prolongá-lo, na convicção de que ele pode corresponder plenamente às necessidades filosóficas dos nossos dias. (PORCHAT, 2007, p. 174)

Referências

- HUME, D. **An Enquiry concerning Human Understanding**. ed. Tom L. Beauchamp. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- LAËRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade Editora de Brasília, 2ª ed., 2008.
- PEREIRA, R. H. S. Por que é impossível se ser cético nos dias atuais. Uma breve refutação do Neopirronismo. São Paulo: **Discurso**, v. 50, n. 2, 2020, p. 85-132.
- PORCHAT, O. Ainda é preciso ser cético. In: **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Editora Unesp, p. 259-273, 2007.
- PORCHAT, O. Ceticismo e argumentação. In: **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Editora Unesp, p. 147-172, 2007,
- PORCHAT, O. Meu ceticismo. São Paulo: **Discurso**, v. 46, n. 2, 2016, p. 7-36.
- PORCHAT, O. Sobre o que aparece. In: **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Editora Unesp, p. 117-145, 2007,
- PORCHAT, O. Verdade, realismo e ceticismo. In: **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Editora Unesp, p. 173-217, 2007.
- PORCHAT, O. **Vida comum e ceticismo**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Recebido em: 17/03/22

Aprovado em: 12/06/23